

vestem-nas de sentimentos novos, improvisam recursos mentais salvadores e formam ideais de santificação e aprimoramento, que melhoram a Humanidade e aperfeiçoam o Planeta.

Este livro é constituído de galhos espirituais das árvores frutíferas. Os autores que o compõem, falando à Terra, estimulam o coração humano à sementeira da vida nova.

É a voz amiga de almas irmãs que voltam dos cumes resplandecentes da imortalidade, despertando companheiros que adormeceram no vale sombrio.

Almas, que ajudam e consolam, animam e esclarecem.

Não temos, todavia, qualquer dúvida. Não obstante o mérito do que exprimem, muita gente prosseguirá sonâmbula e entorpecida.

É que o despertar varia ao infinito...

A gazela abre os olhos ao canto do pássaro. A pedra, entretanto, somente acorda a explosões de dinamite.

Resta-nos, porém, a confortadora certeza de que, se há milhões de almas anestesiadas nos enganos da carne, já contamos, no mundo, com milhares de companheiros que possuem "ouvidos de ouvir".

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 18 de Abril de 1951.

Falando à Terra

ORAÇÃO AO BRASIL

RUI BARBOSA

Brasil! Quando os povos cultos e poderosos exibem o verbo da força pela boca dos canhões, revivendo milenários estigmas da destruição e da morte, nós, os teus tutelados felizes, podemos exaltar-te o heroísmo silencioso. Adotaste-me por filho afortunado, quando te bati à porta acolhedora (*), fugindo ao céu borrascoso e sombrio do Velho Mundo. Deixava, no fumo do pretérito, os impérios coroados de ouro, que alimentam a ignorância e a miséria com o barão e o cutelo dos carrascos da liberdade; a truculência erguida em governo das nações, asfixiando o impulso generoso de comunidades progressistas; a tirania convertida em legalidade nos trópicos de rapina; a mentira e a astúcia mascaradas de sacerdotio; a opressão inquisitorial dos perseguidores da fé livre, buscando perpetuar o negrume da Idade Média; a fábula impiedosa pretendendo orientar as letras sagradas, e, por fantasma erradio, a revolta, dominando cérebros e corações, para, mais tarde, arremeter de improviso aos gulosos comensais do poder.

Atravessei os pórticos do templo da fraternidade, que o teu clima de paz me oferecia. Deslumbrado à luz de teu céu, ajoelhei-me ante o Cruzeiro resplandecente que te inspira, recordando o Divino Herói Crucificado. Aqui, o patíbulo não

(*) Refere-se o mensageiro espiritual a reencarnação anterior, dele mesmo, no Brasil.

era o caminho dos sonhadores; o crime organizado não era a curul administrativa; as trevas das consciências não eram a expressão religiosa; o despotismo purpurado não era refúgio à intolerância; o cativo das paixões inferiores não era a aristocracia da inteligência; o assassinio das opiniões não era a glória do feudalismo jactancioso; a violência não era segurança; a carnificina não era o brilho do mando; o sangue e o veneno, a prepotência e a traição não eram a galeria brilhante da política do terror; a fogueira não era o prêmio à investigação e à ciência; a condenação à morte não era o salário dos mais dignos.

O perfume da terra misturava-se à claridade do firmamento, e orei, agradecendo à Providência Divina o acesso aos teus celeiros de pão e de luz, de compreensão e de bondade. Em teus caminhos, rasgados pela renúncia de apóstolos anônimos, estampavam-se os rastros de todos os corações que se haviam fundido, no crisol do amor sublime, para os teus primeiros dias de nacionalidade. Ouvi o cântico das três raças, que o trabalho, a simplicidade e o sofrimento consagraram para sempre em teu nascedouro, e recebi a honra de comparar o esforço de quantos te prelibaram a independência.

Por ti, em minha frágil estrutura de homem, amarguei os tormentos do operário e as angústias do orientador. E, enquanto te acompanhava os vagidos no berço da emancipação que conquistaste sem sangue, por ti fui quinhoado com a graça do desfavor e do exílio, para voltar, depois, à cabeceira do infante que te guiaria os destinos, durante meio século de probidade e sacrifício (*). Lidador novamente sentenciado ao ostracismo, aguardei a morte, com a serenidade do servo consciente, feliz pela exação no cumprir seu dever e crente na tua destinação de Terra Prometida que o Rei Entro-

(*) Referência a D. Pedro II.

nizado na Cruz estremece e amanhã. Sob a inspiração viva de teus dilatados horizontes de luz, jamais me alapei nas dobras da pusilanimidade quando se me exigisse valor; jamais urli a ficção, refugindo a realidade; jamais contubérnei com a felonía contra a inocência. E ardo no propósito de servir-te, no resgate de minúscula parcela do meu débito imenso, entranhei-me venturoso no labirinto da reencarnação, ideando contigo a pátria da renovação humana. Reconstituído o templo de carne, de cujo órgão se irradiariam as ondas do pensamento, devotei-me de novo ao culto de teu progresso incessante. Eu, que desfrutara o privilégio de sentar-me nas assembleias que te planejavam o grito libertador, assomei à tribuna de quantos te defendiam os ideais republicanos, filiando-te na legião dos povos cultos e determinadores.

Por ti, partilhei o governo, usei a autoridade, preservei a ordem, louvei o patriotismo, encareci a democracia e confundi-me com o povo, vivendo-lhe as expectativas e aspirações. À invocação de teu nome, e acima de todas as cogitações peculiares ao homem de Estado e ao filho honrado da plebe laboriosa, que eu fui, advoguei, em tua companhia, a causa da liberdade, compreendendo o apostolado de amor universal com que subiste à tona da civilização. Nunca me honrei com aplausos e louros, que os não mereci, mas vigiei, quanto pude, na preparação de tua vitória, exercendo o ministério do direito a que te afeiçoaste, desde o amplexo imprecioso dos missionários expatriados que te marcaram as primeiras linhas de evolução, voltadas para o esplendor da Igreja primitiva. Incorporando-te à essência de meu sangue e de meu ideal, confiei-me — célula microscópica — à tua grandiosa imperceptível e tomei assento nas lides da palavra e da pena, nos tribunais e nas praças, nos jornais e nos seminários, quase sempre sozinho, na guerra sem quartel daqueles que não conhecem o conselho das generalis, nem o apelo das balonetas,

Por ti, suportel, orgulhoso, o peso de asfidentes responsabilidades que me feriram os ombros e me iluminaram o coração, na evidência e na obscuridade, aprendendo e sofrendo contigo, na escola da igualdade, da tolerância e da justiça.

E agora, que a ciência mortífera grava transitória supremacia nos regimes, estimulando a política da força pelo triunfo numérico; que a perversidade da inteligência lança o descrédito nos fundamentos morais do mundo; que a crise do caráter emite vagas negras de perturbação e desordem; que a toga desce da majestade dos seus princípios, para dourar os instintos da barbárie nos tremendos conflitos internacionais que se agitam no século; que a moral religiosa concorre ao pleito de dominação indébita, imergindo nas trevas da discórdia as consciências que lhe cabe dirigir; que a doutrina do silex substitui os tratados nas guerras sem declaração; que os dogmas de todos os matizes se insinuam nas conquistas ideológicas da Humanidade, preconizando a mordaca e o obscurantismo — agora ponho meus olhos em teu vasto futuro...

Possa continuar ecoando em teus santuários e parlamentos, cidades e vilarejos, vales e montanhas, florestas e caminhos, a palavra imortal do Mestre da Galiléia! Conserva a tua vocação de fraternidade, para que os mananciais da bênção divina jorrem luz e paz sobre a tua fronte dignificada pelo esforço cristão na concórdia e na atividade fecunda. Guarda o teu augusto patrimônio de liberdade à distância de todos os gigantes do terror, dos deuses da carnice e dos gênios da brutalidade, que tentam ressuscitar os fosséis da tirania. Elege o trabalho por bússola do progresso e da ordem, porque de tuas arcas dadivosas manará novo alimento para o mundo irredimido. Templo de solidariedade humana, teu ministério de pacificação e redenção apenas começa... Novo hino será desferido por tua voz no coro das nações.

Nem Atenas adornada de filósofos, nem Esparta pejada de guerreiros. Nem estátuas impássíveis, nem espadas contudentes. Nem Roma, nem Cartago. Nem senhores, nem escravos. Desdobrem-se, isto sim, em teu solo amoroso os ramos viridentes da Árvore do Evangelho, a cuja sombra inviolável se mitigue a sede multimilenar do homem fatigado e deprimido! Desfalda o estrelado pavilhão que te assinala os destinos e não te quebrantes à frente dos espetáculos cruentos, em que os povos desprevenidos da atualidade erguem cenotáfios e ossuários à própria grandeza. Descerra hospitaleiras portas aos ideais da bondade construtiva, do perdão edificante, do ilimitado bem, porque somos em ti a família venturosa do Cristianismo restaurado, e, por amor, se necessário, mil vezes nos confundiremos no pó abençoado e anônimo dos teus caminhos floridos de esperança, empunhando o código da justiça para o exercício varonil do direito, emergindo das sombras da morte — celeiro sublime da vida renascente.

Grande Brasil! Berço de triunfos esplêndidos, aberto à glorificação do Cristo, seja Ele a tua inspiração redentora, o teu apoio infalível, a trave-mestra de tua segurança; e, enaltecendo o messianismo do teu povo fraterno, em cujo seio generoso se extinguem todos os ódios de raça e se expungem todas as fronteiras do separatismo destruidor, que o Mestre encontre no âmago de teu coração o sagrado poiso das Boas Novas de Salvação, descendo, enfim, da cruz de nossa impenitência multissécular para conviver com a Humanidade terrestre, para sempre.